

## ALFAIATARIA MASCULINA E SUA VESTIBILIDADE

*Male tailoring and the way of making clothes for him*

Pacheco, Gabriela Gessi; Graduando; Faculdade de Tecnologia Senai Curitiba,  
gabrielagessi@gmail.com <sup>1</sup>  
Ouriques, Malva Valéria de Andrade; Pós Graduado; Faculdade de Tecnologia Senai  
Curitiba, malva.ouriques@pr.senai.br <sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho aponta aspectos ergonômicos da alfaiataria masculina, embasado na história da indumentária do mesmo. Pretende contribuir para estudos relacionados à ergonomia, principalmente do terno. O desenvolvimento desse projeto foi através de pesquisa bibliográfica e análise dessas informações, assim, pontuando importantes parâmetros para a usabilidade da vestimenta.

Palavras-chave: ergonomia; antropometria; alfaiataria masculina; vestuário.

### Abstract

*This research shows the right measures to fit men's clothes perfectly based on the history of tailoring itself. It intends to help the way that male clothes are made, specially suit. This project's development was made on books research, pointing the most important topics.*

*Keyword : ergonomics ; anthropometry ; men's tailoring ; clothing.*

---

<sup>1</sup> Graduação em Design de Moda; Faculdade de Tecnologia Senai Curitiba.

<sup>2</sup> Professora de Modelagem Plana; Faculdade de Tecnologia Senai Curitiba.

## **Introdução**

Segundo Santos (2009) o início do processo de desenvolvimento de uma peça de vestuário é a observação do corpo, de seu delineamento, e o produto final deverá oferecer uma boa vestibilidade. Ao construir a modelagem de uma peça do vestuário, atualmente além de aspectos práticos e estéticos, devemos nos certificar também do aspecto funcional do produto. Isso inclui os pontos ergonômicos necessários para a vestibilidade, focando nas áreas de articulação como joelhos, cotovelos, quadril e ombros, que precisam de atenção para que a roupa seja confortável. Esses pontos relacionam-se com vestibilidade e material além de ajudar o homem a executar determinadas funções mecânicas exigidas pelo próprio corpo, como os mencionados acima.

Na história da indumentária, percebem-se evoluções e adaptações da roupa ao corpo masculino e feminino. “Traçar essa cronologia é uma questão de olhar não só para trás, mas também para a frente” (STEVENSON, 2012, p. 6). Assim, com o foco na alfaiataria, podemos compreender suas modificações ao longo dos anos e, juntamente com a ergonomia, nos dias atuais, elaborar peças estruturadas, com o conforto de que o corpo necessita.

Com o objetivo de analisar o papel e evolução da ergonomia na alfaiataria masculina, o tipo de pesquisa realizada foi a bibliográfica, a partir de livros e artigos, a fim de identificar informações que tragam mais clareza à temática.

## **Ergonomia e antropometria e suas relações com o vestuário**

“A modelagem está para o design de moda, assim como a engenharia está para a arquitetura.” (TREPTOW, 2007, p. 154). Para a construção de uma peça de roupa são necessárias algumas etapas, dentre elas, a modelagem. Nesse processo, é válido analisar pontos como: silhueta, proporção, medidas e conforto. As medidas das pessoas para quem a peça será destinada devem relacionar-se com a silhueta da peça, para um *corselet*, medidas justas do corpo, para uma bata, medidas acrescidas de valores para as folgas.

Outro ponto importante é como a peça irá encaixar-se no corpo. Nesse quesito, o conforto está em pauta, já que podemos agregar artifícios na peça para que a mesma tenha um melhor caimento ao ser vestido. Como em um paletó, que necessita de estrutura oferecida por entretelas e ombreiras.

“A antropometria e a ergonomia oferecem embasamentos para o desenvolvimento de produto de moda que se detém ao corpo do usuário de maneira que a relação corpo X produto promova qualidade na ação de vestir”. (MENEZES, 2013, p. 285) Assim, a antropometria (medidas do corpo) e a ergonomia (qualidade de construção da peça) interligadas resultam em um produto de moda de melhor qualidade e adequado ao corpo, pois são a base para a modelagem, processo de materialização do produto.

O nosso dia a dia exige um pensamento ergonômico desde as tarefas mais simples como vestir uma roupa, até as mais complicadas como manusear uma máquina, além de estar ao nosso entorno como forma de mobiliário ou qualquer outro objeto. A ergonomia leva em consideração, segundo Martins (2008, p. 319), “o ser humano, suas habilidades, capacidades, limitações e suas características físicas, fisiológicas, psicológicas, cognitivas, sociais e culturais.”

A ergonomia está relacionada a fatores humanos (design de objetos, maneira de trabalho e ambientes que são construídos pelo homem), ao aumento da eficiência e ao processo de design para uso humano, ou seja, está relacionada ao corpo humano, sendo o mesmo “o ponto de partida para o correto dimensionamento de um produto. Portanto, a escala humana é a nossa referência” (MCCORMICK apud MARTINS, 2008, p. 322).

A antropometria, por sua vez, é essencialmente “o estudo que trata das medidas físicas do corpo humano” (SANTOS, 2009, p.45). Cada indivíduo apresenta diferentes medidas, e isso se apresenta de maneira diferente dependendo principalmente da região demográfica e época. Segundo Fischer (2010) a definição da silhueta do corpo é primordial para as etapas do desenvolvimento do produto de moda. Porém, a definição de uma tabela de medidas não é uma tarefa simples, pois há algumas considerações como se a medida foi obtida com roupa ou sem roupa, de postura ereta ou relaxada.

Outras variantes relacionadas à antropometria que podem ser levadas em considerações são as diferentes etnias existentes, a influência do clima e as várias fases da vida, desde quando nascemos até a velhice. (SANTOS, 2009).

Tanto a ergonomia quando a antropometria, estão diretamente relacionadas com técnicas de modelagem, seja ela plana ou tridimensional. Na primeira, de acordo com as medidas fundamentais determinadas por uma tabela, é riscado no papel o molde base. O molde base é feito com medidas anatômicas, ou seja, medidas exatas ao corpo. A partir do molde base, podemos criar vários modelos, adicionando recortes, folgas e pences. Já a modelagem tridimensional ou *moulage*, é um processo muito utilizado na alta costura, a peça é feita direto no manequim de alfaiate com o *toile* (tipo de tecido) sendo ajustado para obter o modelo desejado. (TREPTOW, 2007)

Nos dias de hoje, a ergonomia está diretamente relacionada à qualidade de vida, tratando-se de aspectos como conforto, segurança, facilidades no manuseio do produto, dentre outros, além de qualidades estéticas para atrair o consumidor. (MONTEMEZZO, 2003)

“É no design que todas as qualidades desejadas são planejadas, concebidas, especializadas e determinadas para o objeto”. (GOMES, 2010, p.21) Ao confeccionar uma peça do vestuário, é importante identificar sua função pessoal, por exemplo, em uniformes se a peça necessita de bolso, onde esse bolso será posicionado, se precisam de engates especiais para eventuais ferramentas, alças ou outros dispositivos estratégicos.

A roupa pode ser considerada como a extensão do corpo, uma segunda pele, uma forma de expressão. Podem também contar uma história através do tempo e espaço, “o sujeito articula seu discurso particular por meio da ação de vestir-se, estruturando uma combinação específica de linhas, cores, que no conjunto, faz ver, compreender e manifestar seu diálogo”. (CASTILHO, 2009, p 132).

## **História e alfaiataria masculina**

A origem da palavra “alfaiate” vem dos árabes *Al-Kaia*” ou *Al-kaiiat*, que significa “aquele que une, que fia os tecidos” (CORDOVA ET AL, 2009), foi a partir do século XII

que os profissionais da área de corte e costura se uniram, e formaram as primeiras corporações na Europa. Porém só chegaram ao Brasil depois da colonização portuguesa.

As origens do terno como conhecemos hoje, data do século XVII, com a introdução da sotaina, uma espécie de casaco que era sobreposto a um colete, agradando o então rei da Inglaterra, Charles II. Sua estrutura era feita com crina de cavalo e na época foi o substituto do gibão. Para um terno, a combinação de calça, colete e paletó ter um bom caimento, além do trabalho minucioso do profissional, pode ser também determinante o tecido escolhido (HOPKINS, 2013). A lã é o tecido mais utilizado na confecção devido a sua durabilidade, porém linho e seda também podem ser utilizados. Outro item que ajuda na confecção de um terno é a estrutura interna, como entretelas e flanelas de algodão, que reforçam e sustentam a peça. Os pontos de costura utilizados adequadamente são muito importantes, como o ponto invisível para a bainha, a sobrecostura e ponto cruzado para o reforço e o alinhavo para uma pre-definição da costura definitiva.

Os trajes modernos surgiram realmente no final do século XVII, quando um tipo de casaco com botões que se ajustavam folgadoamente no corpo tornou-se a peça superior do vestuário masculino mais desejado. A combinação moderna constituída por calça e casaco, em sua versão inicial, substituiu finalmente a túnica transpassada e o gibão acolchoado que haviam simbolizado a elegância masculina durante três séculos. Por baixo do casaco, os homens elegantes ainda usavam ceroulas com meias e não calças; mas as ceroulas não eram mais amarradas com laços ao gibão, perderam todo seu forro tornaram-se soltas, folgadas e macias. Um colete abotoado apareceu sob a abertura do casaco, que, como parte do desejável efeito barroco, agora era parcial ou completamente à esquerda. Havia nascido o traje de três peças. (HOLLANDER, 1996, p. 85)

No século XIV, várias oficinas de alfaiate abriram e foram necessários determinados conhecimentos, como proporção do corpo humano, aritmética e geometria. Seus instrumentos de trabalho eram tesoura, giz, réguas, compassos, dentre outros. Já nos séculos seguintes houve um grande avanço nesse ofício, normas e fiscalização começaram a acontecer nesse período, até para garantir melhor qualidade aos clientes, além de alguns avanços técnicos, os quais na época foram bastante significativos (REIS, 2013). Nesse mesmo período, houve conflitos entre alfaiates e

algibebe, estes últimos comerciantes vendiam peças de roupa prontas. Com o conflito alguns estabelecimentos foram fechados, porém, voltando a reabrir em seguida.

Ainda conforme Reis (2013) mais tarde, no século XIX associações e sindicatos foram formados, como a Associação dos Alfaiates Lisbonenses e Associação da Classe dos Oficiais de Alfaiates e Costureiras. Esse período também foi marcado por avanços tecnológicos, já que a máquina de costura foi inventada em 1829, pelo francês Barthélemy Thimmonier e uma tabela de medida foi criada por H. Guglielmo Compaign.

Em torno de 1820 a 1840, os dândis entraram em evidência, com vestimentas alinhadas e elegantes. Usavam calções de cores claras bem ajustadas ao corpo durante o dia e calções mais escuros, acompanhados com meias de seda durante a noite, junto com as casacas de tecidos escuros e lisos. As camisas tinham o colarinho alto e com a amarração de um plastrão (quadrado de algodão, musselina ou seda) e cartola. Na Era Vitoriana (1837 à 1901) Henry Poole abriu a primeira alfaiataria em Savile Row, rua de Londres, mais tarde se tornando sinônimo de alta qualidade na alfaiataria. Nessa época os homens usavam casaco preto ou marrom com colete, gravata borboleta, calça xadrez substituindo o calção, sapato oxford e o chapéu coco e nesse mesmo período, segundo Blackman (2014) a indumentária masculina era influenciada pela alfaiataria londrina.

Na alfaiataria masculina, há uma personalidade na história da moda que deve ser citada: George Bryan Brummell (1778-1840). O dândi adotou a alfaiataria como seu estilo pessoal, sendo na época um símbolo de elegância masculina, influenciando a aristocracia além de fazer parte do círculo de beneficiados do rei da Inglaterra Jorge IV. (STEVENSON, 2012)

Foi com a ascensão da economia do Reino Unido, no século XIX que a alfaiataria britânica despontou. Em consequência disso o terno inglês tem um quesito em superioridade, comunicando status e classe social através do corte, caimento e detalhes. Até hoje os ternos britânicos são associados à formalidade e a uma fabricação rígida que os distinguem dos ternos italianos e norte americanos. (HOPKINS, 2013)

Em 1785 a alfaiataria Savile Row teve suas portas abertas, e se tornou mundialmente conhecida devido aos ternos sob medida. Anos depois, exatamente em

1969, Tommy Nutter e Edward Sexton abriram a loja Nutters, e foram os pioneiros em apresentação de vitrines (FISCHER, 2010). Elas ainda atendem clientes nos dias de hoje e são conhecidos pelo excelente trabalho de qualidade, com seus ternos todos confeccionados artesanalmente.

O homem dos anos 60 tem como silhueta um novo dândi. Na época as bandas de *rock* exibiam exageros, que influenciou o guarda roupa masculino denominado de pavão. O homem-pavão usava camisa justa, lenço no pescoço, terno listrado justo com a calça de cintura baixa.

Com o avanço da tecnologia no século em que estamos, XXI, a informação de moda é de fácil acesso. Estamos em uma época de revival da moda, porém adequando essas inspirações em tecidos mais tecnológicos e inovadores, já que um dos assuntos mais pontuados nesse novo século é a sustentabilidade. (STEVENSON, 2012)

O trio de peças que compõem o terno é o traje masculino de maior permanência e sucesso. Usado até hoje, sempre tendo adaptações ainda pode ser considerado um traje dinâmico. “O terno é uma armadura confortável, uma máquina que veste bem na qual se pode viver, sempre reinventado e atual, literalmente feito para a vida moderna” (BLACKMAN, 2014, p 5). E mesmo com avanços tecnológicos e moda de fácil acesso, há uma preservação da alfaiataria masculina, sempre adaptando-a com design e materiais.

“Não importava como um homem era realmente constituído fisicamente, seu alfaiate substituía seu velho corpo de pernas curtas e em forma de pera por esguio, musculoso, com pernas compridas e muito sexy.” (HOLLANDER, 1996, p. 115)

Segundo Ficher (2010) o termo alfaiataria, não diz respeito somente a técnicas específicas de costura a mão ou a máquina, mas também as peças do vestuário. Estas os alfaiates estruturam não apenas com o formato do corpo e sim com os diferentes materiais que podem ser usados, como entretelas e ombreiras, pois de acordo com Hollander (1996) o terno não deve restringir o corpo como fazia a armadura ou a indumentária da renascença, o terno precisa ter um bom caimento exibindo linhas e formas com descrição.

Para o feitiço do terno relacionado com uma armadura, a entretela é parte fundamental dessa estrutura. É a mesma que oferece suporte ao tecido principal da veste, sendo aplicada em apenas algumas partes da peça, no casaco, toda a parte da frente, a parte das costas apenas na altura do decote e a cabeça e punhos das mangas. “Para obter peças do vestuário com aspecto impecável, a escolha da entretela adequada e a respectiva aplicação são tão indispensáveis como o assentar perfeito do molde.” (A COSTURA). Atualmente existe uma variedade enorme de entretelas, saber qual usar para determinado tecido é importante até para uma questão estética. O modo de aplicar a entretela varia, algumas necessitam do vapor do ferro, outras apenas da pressão do mesmo. O tempo igualmente variável de acordo com o fabricante e função da entretela, para sua aplicação é em torno de 8 a 40 segundos.

Na alfaiataria a técnica deve ser precisa, exige habilidades complexas e conhecimentos específicos. Mesmo com o avanço tecnológico, muitos profissionais da área de alfaiataria trabalham de modo tradicional, pois esse método garante um melhor resultado no processo final do produto.

### **Considerações finais**

A antropometria (medidas do corpo) e a ergonomia (qualidade de construção da peça) interligadas causam em um produto de moda de melhor qualidade e adequação ao corpo, pois são a base para a modelagem, processo de materialização do produto, e tendo como função atender as necessidades do usuário, sendo assim, para se obter um resultado de qualidade elevada na confecção do vestuário, é de extrema importância ter conhecimento do corpo humano como um todo.

Mesmo a alfaiataria sendo um ofício antigo e a técnica não sofrendo grandes alterações, para se obter um terno que delineie o corpo do cliente, é necessário estudos dessa técnica além dos estudos ergonômicos. No quesito da ergonomia não houveram alterações significativas, a alfaiataria masculina sofreu mais alterações quando relacionada a estilo e tendências.

### **Referências**

A COSTURA tornada fácil. Burda, edição especial, Portugal, 2002.

BLACKMAN, C. 100 anos de moda masculina. São Paulo: Publifolha, 2014.

- CASTILHO, K. Moda e linguagem. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.
- CORDORVA, D. Z. de.; STOIEV, F.; MACHADO, J. C. B.; SANTOS, V. O. Alfaiatarias em Curitiba. Curitiba: Edição dos Autores, 2009.
- FISCHHER, A. Fundamentos de design de moda: construções de vestuário. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- GOMES, J. F. Ergonomia do objeto: Sistema técnico de leitura ergonômica. 2 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.
- HOLLANDER, A. O sexo e as roupas: A evolução do traje moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- HOPKINS, J. Moda masculina. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- MARTINS, S. B. Ergonomia e moda: repensando a segunda pele. In PIRES, D.B. Design de moda: olhares diversos. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.
- MENEZES, M. O valor de dados antropométricos e ergonômicos na padronização da tabela de medidas para o setor do vestuário. In: MENEZES, M. dos S.; MOURA, M. Rumos da pesquisa no design contemporâneo: Materialidade, gestão e serviço. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.
- MONTEMEZZO, M. C. de F. S. Diretrizes metodológicas para o projeto de produção de moda no âmbito acadêmico. Bauru, 2003. Disponível em: <[http://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Design/Dissertacoes/maria\\_celeste\\_montemezzo.pdf](http://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Design/Dissertacoes/maria_celeste_montemezzo.pdf)> Acesso em: 03 mar 2015.
- REIS, B. M. dos. Alfaiataria na contemporaneidade, alfaiataria artesanal e alfaiataria industrial, um estudo de caso. Universidade da Beira Interior, Engenharia, 2013.
- SANTOS, C. S. dos. O corpo. In SABRÁ, F. Modelagem: tecnologia em produção de vestuário. São Paulo: Estação das Letras, 2009.
- STEVENSON, N. Cronologia da moda: de Maria Antoniete a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- TREPTOW, D. Inventando moda: planejamento de coleção. 4 ed. Brusque, 2007.